

---

## **Padrões de interação na cobertura das enchentes no Rio Grande do Sul: um estudo da Rádio Gaúcha no YouTube<sup>1</sup>**

Mirian Redin de QUADROS<sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

Debora Cristina LOPEZ<sup>3</sup>

Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG

### **RESUMO**

Este artigo analisa os comentários postados no chat ao vivo do vídeo “Últimas informações sobre a chuva no RS | 03/05/2024”, transmitido no Youtube pela Rádio Gaúcha, emissora sediada em Porto Alegre, durante a cobertura dos desastres climáticos que atingiram o Rio Grande do Sul, em maio de 2024. Foram analisados 11.103 comentários, a partir de uma abordagem qualitativa com apoio em software, da qual originaram-se as seguintes codificações derivadas da análise de frequência de palavras: Saudação; Notícia; Desinformação; Interação Social; Saúde; e Política. A análise revela perfis combativo, informativo, experiencial e moderador dos ouvintes nos comentários.

**PALAVRAS-CHAVE:** rádio; jornalismo; interação; YouTube; enchentes no Rio Grande do Sul.

### **INTRODUÇÃO**

Neste artigo, analisamos um banco de dados com 11.103 comentários postados no chat do vídeo “Últimas informações sobre a chuva no RS | 03/05/2024”, transmitido ao vivo no Youtube, pela Rádio Gaúcha, veículo do grupo RBS, sediada em Porto Alegre, no contexto dos desastres climáticos que atingiram o estado do Rio Grande do Sul, em maio de 2024. Os comentários foram coletados manualmente e analisados a partir da interação em rádio. O vídeo possui 7 horas 6 minutos e 3 segundos de duração e disponibiliza reprodução do chat ao vivo. Adotamos uma abordagem qualitativa, já que totalizamos dados, mas não realizamos tratamento estatístico dos resultados. Metodologicamente, optamos por uma pesquisa descritiva orientada por codificações oriundas de uma leitura flutuante da amostra. As visualizações foram construídas a partir de códigos Python com apoio do ChatGPT4.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação (UFSM), professora do Departamento de Ciências da Comunicação (UFSM-FW), integrante do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor), email: [mirian.quadros@ufsm.br](mailto:mirian.quadros@ufsm.br).

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e da Graduação em Jornalismo (UFOP) e Bolsista Produtividade em Pesquisa (CNPq). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Convergência e Jornalismo (ConJor) e do Grupo de Estudos Comunicação e Epistemologias Feministas (Gecef), email: [debora.lopez@ufop.edu.br](mailto:debora.lopez@ufop.edu.br)

---

Nas palavras do governador do Rio Grande de Sul, Eduardo Leite, em maio de 2024 o estado enfrentou “o maior desastre climático” da sua história (Egídio, 2024). As chuvas no estado iniciaram em 27 de abril, atingindo inicialmente a Região dos Vales e, em poucos dias, estendendo-se por outras regiões e perdurando por cerca de 10 dias. O excesso de chuvas provocou o transbordamento dos rios, invadindo municípios, resultando em mortes e milhares de pessoas desabrigadas. Em 29 de maio, a Defesa Civil do estado contabilizava 172 mortes e 629 mil pessoas desabrigadas (Um mês, 2024; Plentz, 2024).

O cenário de emergência climática mobilizou os veículos de comunicação. Entre as emissoras comerciais, a Rádio Gaúcha modificou sua grade de programação e acionou equipes para a cobertura das cheias. A principal alteração observada durante a primeira quinzena do mês de maio foi a substituição de programas esportivos por espaços destinados à reportagem. No canal GZH, no Youtube, as modificações puderam ser percebidas a partir do dia 03 de maio, estendendo-se até 19 de maio, período em que as transmissões ao vivo deixam de ser segmentadas por programas e passam a ser unificadas em duas ou três publicações diárias, com uso padronizado do *thumbnail* “Plantão Gaúcha: cobertura completa das enchentes no Rio Grande do Sul” em todos os vídeos.

Ao olhar para as ações de comunicação em tragédias ambientais, especialmente para a cobertura da Rádio Gaúcha no YouTube durante a enchente de 2024 no Rio Grande do Sul, consideramos o desastre como um processo social e histórico (Amaral; Quevedo; Souza, 2024). Isso significa dizer que não há um ponto zero do acontecimento. Segundo as autoras, esta é uma questão a ser explorada no jornalismo de desastres, que por seu caráter factual e episódico deixa de lado uma abordagem contextual de problemas sociais e ambientais crônicos (p. 6).

A proximidade característica das produções radiofônicas intensifica esta identificação, muitas vezes ampliando a participação e a liberdade do público ao se manifestar nos espaços abertos pela emissora. O vínculo estabelecido pelo rádio com sua audiência leva ao reconhecimento de uma capacidade de acompanhamento próximo e imediatista dos acontecimentos locais (Medeiros e Vianna, 2020). Nestas situações, observa-se a presença de pedidos por informações atualizadas ou por socorro em áreas

---

atingidas e a busca por notícias confiáveis, que se ancoram, como explicam os autores, na credibilidade de um meio local.

A transmissão e o consumo da programação especial de cobertura das enchentes em diferentes plataformas, entre elas o Youtube, vai ao encontro do que Kischinhevsky (2023, p. 33) já considera como “uma das características do atual contexto do rádio expandido”, compreendido como um meio que extrapola a tradicional difusão por ondas hertzianas, passando a compor um “complexo multimidiático”. Essa expansão do rádio à Internet e às diversas aplicações e plataformas digitais, representa uma ampliação no alcance do conteúdo radiofônico, bem como novas formas de relacionamento com a audiência (Bianco, Pinheiro, 2022).

A transmissão em vídeo pelo rádio por meio de plataformas como o Youtube constitui-se, não somente como uma nova modalidade de consumo do conteúdo agora não mais apenas sonoro, mas também visual, como também oferece novas formas de interação da audiência com a emissora e entre os próprios ouvintes. Essa experiência interativa proporcionada pela plataformas de vídeo dialoga com as reflexões que Kochhann (2024, p. 76) elabora a partir da compreensão do conceito de interação de José Luiz Braga, especialmente ao evidenciar que “a interatividade não está no meio”, mas, sim, nas “nas relações construídas de e pelo rádio enquanto processo”.

A pesquisa qualitativa se revelou como um caminho adequado à análise dessas interações que ocorrem na plataforma no Youtube, durante a transmissão ao vivo da programação radiofônica. O olhar contextualizado aos dados, construído não somente a partir de uma revisão de literatura, mas também da compreensão de que os dados assumem novas camadas de sentido a partir do contexto informacional e social em que se inserem. Como lembram Duarte, Machado e Matos (2013), a pesquisa qualitativa não olha para fragmentos isolados do fenômeno, mas considera movimentos de transformação e interação entre sujeitos e objetos.

Esta abordagem qualitativa é pensada também a partir da natureza do objeto e considera os potenciais e as limitações das metodologias adotadas. Neste texto, consideramos a caracterização complexa do objeto radiofônico (Lopez, Chagas, 2022). Este movimento exigiu adequações narrativas, de circulação, de produção e de práticas interativas que afetam a própria compreensão do fenômeno. Assim, entendemos que o objeto radiofônico que analisamos é afetado diretamente pelas práticas interativas e

indiretamente pelas inovações narrativas. Por uma necessidade formal de adaptação às normas do gênero textual, optamos, neste artigo, pela análise do conteúdo verbotextual, embora reconheçamos que esta opção implica em lacunas na compreensão da multidimensionalidade da cobertura que selecionamos.

A coleta de dados foi realizada manualmente. Como dito, a Rádio Gaúcha mantém, em sua configuração do YouTube, a reprodução simultânea dos comentários no chat. Se por um lado isso permite a realização do estudo, por outro impede a coleta automatizada. Desta forma, o vídeo foi reproduzido e os comentários coletados, em intervalos de até 10 minutos, quando as postagens mais antigas desapareciam da tela. No total, as pouco mais de sete horas de transmissão totalizaram 11.103 comentários, com 2.982 usuários únicos. Observamos uma incidência considerável de repetição de comentários, sendo que a mais frequente delas teve 48 registros. No total, foram 9.208 comentários únicos, com um registro médio de 3,72 comentários por usuário. O perfil dos ouvintes que comentaram o vídeo varia, com 1.623 usuários realizando um só comentário e o mais ativo deles somando 135 registros. Este usuário se caracteriza como engajado, compartilhando informações sobre as enchentes em Porto Alegre e discutindo a responsabilização de agentes públicos sobre o caso. Registramos, ainda, que o perfil do canal, @GZH, fez apenas uma publicação no chat ao longo de toda a transmissão. O perfil, contudo, foi acionado pelos demais interagentes em 47 mensagens, a maior parte delas reivindicando que o veículo moderasse os comentários no chat, procedimento que, aparentemente, não foi efetuado.

A limpeza dos dados e visualização das variáveis foram realizadas de maneira automatizada, através de códigos de Python gerados e processados com auxílio do ChatGPT-4.0. Neste processo, não houve alteração no número de comentários. Foram utilizados comandos de correção de “palavras truncadas” e organização dos dados. A análise se organizou por uma leitura flutuante inicial realizada pelas pesquisadoras e uma análise de dados com apoio em software baseado em frequência de palavras (Nunes et al, 2017), da qual originaram-se as codificações a serem aplicadas aos comentários (Saldaña, 2016). A codificação derivada da análise de frequência de palavras está disposta em: Saudação; Notícia; Desinformação; Interação Social; Saúde; e Política.

---

Cinco das categorias analisadas foram consideradas de alta relevância e uma de baixa relevância para o estudo. A de baixa relevância é “Saudação”, que inclui manifestações simples como “oi”, “boa tarde”, cotidianas e informais que têm a função de registrar uma presencialidade virtual no debate. Ao analisar as cinco categorias de alta relevância, percebemos uma intersecção constante com a enchente e os impactos sobre a vida dos moradores do Rio Grande do Sul. “Interação social” é voltada predominantemente aos outros ouvintes. Os comentários desta categoria se organizam em quatro eixos: a) manifestações de apoio vindas de distintos pontos do estado e do país; b) revolta com ações de representantes políticos e com a inexistência de ações de prevenção do desastre, com variações entre manifestações vinculadas às experiências durante a enchente e, racionais, com apresentação de informações e realização de projeções de cenários futuros; c) pedidos de informação sobre regiões específicas do estado e sobre o avanço das águas; d) breves relatos de experiências vividas no desastre, vinculadas ou não a outras temáticas, como política ou saúde.

A categoria “Notícia” agrega-se em torno de expressões típicas do jornalismo, como “notícia”, “reportagem” ou “jornal”. Uma análise qualitativa desses comentários revela que se dividem em dois grupos principais: a) elogios ao jornalismo e à cobertura, com manifestações generalistas, referindo-se ao trabalho, ao esforço de cobertura, à transmissão de informações, e ; b) críticas à emissora e aos jornalistas, onde predomina uma pessoalização da crítica, especialmente direcionadas às comunicadoras mulheres<sup>4</sup>.

A circulação de informações de utilidade pública domina os comentários categorizados como “Saúde”. Importante registrar a existência de um desvio semântico em manifestações sobre polarização política, quando os ouvintes mencionavam a “doença” do debate político em meio à tragédia. Em relação às informações de utilidade pública, foram identificados dois grupos: pedidos de atualização sobre a situação de unidades de atendimento e pedidos de doações de sangue.

A “Desinformação” se manifesta em dois padrões de interação distintos: a) o acionamento de expressões como “fake news”; “desinformação” ou “notícia falsa” como uma estratégia para negar afirmações anteriores ou agredir sujeitos de posição política distinta do ouvinte em questão; b) a publicação de conteúdos desinformativos

---

<sup>4</sup> Compreendemos a necessidade de um olhar mais atento à questão de gênero nos comentários desta cobertura, especialmente nos direcionados às jornalistas. No entanto, a análise realizada para este artigo leva à hipótese de que há um viés de gênero, com traços de misoginia, nos comentários realizados.

sobre as enchentes e sobre a atuação de agentes públicos e personalidades políticas. As publicações do segundo grupo não foram consideradas na classificação automatizada, já que não contavam com as palavras-chave vinculadas ao tema. Mas a análise qualitativa posterior revela a predominância desta em relação à anterior, atribuindo protagonismo à classificação “Desinformação” na amostra.

A “Política”, ainda que esteja definida como uma categoria, perpassa a amostra e organiza-se em quatro eixos: a) o chamado às pessoas públicas, direcionado predominantemente a políticos, embora também a celebridades; b) a responsabilização pela enchente, cujos comentários buscam identificar os culpados pela enchente; c) os embates gerados pela polarização política, que predomina entre os quatro eixos e dialoga constantemente com categorias anteriores; e, d) as críticas à politização do desastre, que clamam por uma mobilização coletiva que deixe de lado preferências ou valores políticos em um esforço de colaboração pela recuperação do estado.

A análise do chat revela um enredamento discursivo, em que os comentários postados possuem ao mesmo tempo um direcionamento aos demais ouvintes e aos comunicadores da rádio. Além disso, perfis combativo, informativo, experiencial e moderador alternam-se e se afetam em relação à visibilidade e ao estímulo a manifestações de outros usuários, exercendo um movimento constante de exposição e opressão de posicionamentos “aprováveis” ou “reprováveis”, de acordo com o julgamento dos próprios ouvintes.

A análise realizada revela que a relação do ouvinte com o rádio, seja em plataformas digitais ou em antena, potencializa a proximidade e a cumplicidade, dando ao público certa liberdade dialógica – seja no diálogo com outros ouvintes, seja no diálogo e na crítica aos comunicadores da emissora. Esta situação é fortalecida por uma fragilidade emocional que caracteriza o acontecimento em questão e que leva a uma predominância de comentários opinativos, com posicionamentos impulsivos e avaliações de cenário nem sempre fundamentadas. Compreendemos que as metodologias adotadas – uma análise temática construída com apoio em software e uma análise qualitativa manual da amostra – permitiram construir inferências que revelam os perfis combativo, informativo, experiencial e moderador dos ouvintes nos comentários.

---

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz; QUEVEDO, Josemari Poerschke; SOUZA, Elise. Evento climático extremo e vulnerabilidades: a comunicação de um desastre no Twitter. **Intexto**, Porto Alegre, n. 56, 2024.

BIANCO, Nelia Rodrigues Del; PINHEIRO, Elton Bruno. O rádio brasileiro no contexto da plataforma: experiências, impasses e desafios. **Esferas**, v. 1, n. 23, p. 56-83, 1 jul. 2022.

DUARTE, Ruth Gonçalves, MACHADO, Diego de Queiroz, MATOS, Fátima Regina Ney. Pesquisa qualitativa nas ciências sociais: uma discussão acerca de sua complexidade e perspectivas futuras. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**. v. 4, n. 104, p. 203-224, jan/jun 2013.

EGÍDIO, Paulo. Leite diz que RS passa pelo pior desastre da história e apela para que população de 48 cidades deixe áreas de risco. **GZH**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2024/05/leite-diz-que-rs-passa-pelo-pior-desastre-da-historia-e-apela-para-que-populacao-de-48-cidades-deixe-areas-de-risco-clvods2c801dm011w3yl2olve.html>. Acesso em: 26 jun. 2024.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Pensar o rádio como plataforma. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, São Paulo, v.22, n.44, p. 30-40, set./dez. 2023.

KOCHHANN, Roscéli. Rádio e interação: aproximações ao debate para pensar a comunicação radiofônica como processo interacional. In: PEREIRA, Walmir Fernandes (Org.). **Ciências sociais: a sociedade em sua integralidade**. Piracanjuba, GO: Editora Conhecimento Livre, 2024. p. 68-80.

LOPEZ, Debora Cristina; CHAGAS, Luã José Vaz. A multidimensionalidade do objeto radiofônico: caminhos para compreender o debate. **Esferas**, n. 23, p. I-XIII, 2022.

MEDEIROS, Rafael Ferreira; VIANNA, Graziela Mello. Ecos de uma tragédia anunciada: a cobertura de acontecimentos extremos pelo rádio local. **Radiofonias** — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 02, p. 129-149, mai./ago. 2020.

NUNES, Ginete; NASCIMENTO, Maria Cristina; ALENCAR, Maria Aparecida. Pesquisa científica: conceitos básicos. **ID Online. Revista de Psicologia**, v. 10, n. 29, p. 144-151, fev. 2016.

PLENTZ, Gabriela. Guaíba atinge a maior cheia da história no Cais Mauá. **GZH**. 03 maio 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/05/guaiba-atinge-a-maior-cheia-da-historia-no-cais-maua-clvrdtbe001xd014atjv32y8x.html>. Acesso em: 26 jun. 2024.

SALDAÑA, Johny. **The coding manual for qualitative researchers**. London: SAGE Publications, 2016.

UM MÊS de enchentes no RS: veja cronologia do desastre que atingiu 471 cidades, matou mais de 170 pessoas e expulsou 600 mil de casa. **G1**. 29 maio 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2024/05/29/um-mes-de-enchentes-no-rs-veja-cronologia-do-desastre.gh.html>. Acesso em: 26 jun. 2024.